

[ARTIGO]

VIVÊNCIAS DE PAIS E FILHOS ADOLESCENTES SOBRE A SEXUALIDADE E RELAÇÕES DE GÊNERO

Hully Lara Garcia Souza¹
Léia Guimarães Querino Sena²
Lidiane Cristina Espinosa Gomes Netto³

RESUMO

À luz das contribuições teóricas de estudiosos conceituados sobre o tema 'Gênero e Educação', este artigo propõe-se a apresentar as memórias de mães de adolescentes, evidenciando suas vivências e suas formas de orientar seus filhos sobre a vida afetiva em sociedade. O artigo se constitui de diálogos feitos com mães que puderam revelar suas variadas formas de olhar e entender a vida, em alguns momentos, revelaram que as suas vivências ressurgiram ao narrar o percurso de criação de seus filhos. Assim, é possível observar na maior parte dos diálogos a importância de ensinar o respeito aos filhos para que assim possam se tornar cidadãos e na vida adulta fazerem as suas próprias escolhas, respeitando e acolhendo o outro em sua singularidade e identidades de gênero. Os resultados evidenciam que as famílias se distinguem de modo variado no que se refere à localidade, à condição social e à religião. Cabe, portanto, destacar que cada uma dessas famílias se organiza dentro de suas limitações, em razão do acesso às informações por meio da leitura e do conhecimento, o que pode fazer toda diferença no processo de transmissão dos valores e códigos culturais da sociedade aos filhos.

Palavras-chave: Família e educação; Sexualidade; Relações de gênero.

¹ Pedagoga - Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul UEMS.

² Pedagoga - Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul UEMS.

³ Pedagoga - Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul UEMS.



[ARTIGO]

EXPERIENCES OF PARENTS AND ADOLESCENT CHILDREN ON SEXUALITY AND GENDER
RELATIONSHIPS

ABSTRACT

In the light of some renowned theorists on the topic 'Gender and Education', this article aims to demonstrate the memories of adolescents' mothers, showing their experiences and their ways of guiding their children about affective life in society. The article was composed of dialogues with mothers who revealed their varied ways of looking and understanding life and, in some moments, revealed that their experiences resurfaced when narrating the path of raising their children. Thus, it is possible to observe in most dialogues the importance of teaching respect for children so that they can become citizens and in adult life make their own choices, respecting and welcoming the other in their uniqueness and gender identities. The results show that families are different in terms of location, social status and religion. Therefore, it is worth noting that each of these families is organized within its limitations, due to access to information through reading and knowledge, which can make all the difference in the process of transmitting society's cultural values and codes to children.

Keywords: Family and education; Sexuality; Gender relations.

INTRODUÇÃO

Este trabalho está vinculado ao projeto de ensino referente à disciplina Gênero e Educação do curso de Pedagogia – licenciatura – da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul e tem como tema um roteiro de conversa com mães e/ou pais de crianças e adolescentes para o registro de memórias sobre as vivências da sexualidade e relações de gênero. O objetivo deste texto é apresentar as vivências de crianças e adolescentes sobre sexualidade e relações nos espaços sociais que frequentam, por meio das memórias de seus pais.

Para esta pesquisa, utilizamos como recurso entrevistas gravadas em áudio e posteriormente transcritas, orientadas por um roteiro previamente elaborado. As participantes são mulheres que serão identificadas pelas iniciais de seus nomes: N.S.; L.T., e S.A.G. Como base para esse diálogo, faremos uma breve reflexão da família enquanto



[ARTIGO]

instituição. Ela é a instituição mais antiga da história e a primeira que reconhecemos enquanto ser histórico.

[...] Mas comecemos pelo óbvio. Todo mundo tem família, e ela é a mais velha instituição das sociedades humanas. Valorizada, temida ou inquietante, a família sempre existiu! [...] A Constituição de 1988 a resumiu: é a união estável entre homem e mulher ou qualquer dos pais e seus descendentes (DEL PRIORE, 2013, p.10).

As primeiras vivências com o outro acontecem ainda dentro das relações familiares. Geralmente, a criança é ensinada a se relacionar e está atenta aos adultos porque também aprende por imitação. Igualmente, seus pais estão vigilantes quanto à evolução e a educação dos seus filhos e, por esse motivo, o registro de memórias pode ser utilizado como fonte de pesquisa, para que possamos compreender como se dão as relações e as vivências da descoberta da sexualidade do seio familiar para o mundo exterior, nas relações sociais.

Esses temas devem ser discutidos considerando-se a diferenciação entre as famílias, pelo fato de cada uma possuir uma maneira diferente para tratar determinados assuntos. Temas relacionados à sexualidade e a relações entre homem e mulher, por exemplo, foram e em alguns lares ainda são considerados tabus, por influência religiosa, moral ou até mesmo cultural. Alguns consideram que estes são assuntos que só devem ser discutidos “no momento certo”. Mas qual seria esse momento? Outros consideram a sexualidade como algo tão normal que não precisa ser dialogado, somente vivenciado, como afirma Louro (2000, p. 05):

Muitos consideram que a sexualidade é algo que todos nós, mulheres e homens, possuímos ‘naturalmente’. Aceitando essa idéia, fica sem sentido argumentar a respeito de sua dimensão social e política ou a respeito de seu caráter construído. A sexualidade seria algo ‘dado’ pela natureza, inerente ao ser humano.

Registro de memórias



[ARTIGO]

N.S.

A primeira entrevistada é N.S., casada, 34 anos de idade, mãe de um casal de filhos. Ela trabalha como gerente administrativa em um consultório odontológico e é de religião cristã praticante. Chegamos a sua residência em um domingo à tarde e fomos recebidas cordialmente por ela, que logo nos concedeu a entrevista, transcrita a seguir.

E: Como eram vivenciadas as brincadeiras pelas crianças, na idade de quatro a 17 anos?

N. S: Tiago gostava de brincar de futebol...de videogame...é... de bola, de bicicleta ...gostava de brincar de pintar...de escrever... de computador.

E: Nessa idade, que tipo de brincadeiras entre os(as) meninos(as), os (as) seus (suas) filhos(as) mais gostavam de brincar?

N.S: Gostava de jogar futebol...brincava mais de bola... de soltar pipa...era mais isso.

E: Na sua opinião, o que essas brincadeiras representavam para eles/as?

N.S: Representava diversão... pra eles é... tudo brincadeira, inocência.

E: Como essas brincadeiras possibilitavam a convivência entre os(as) meninos (as)?

N.S: De forma amigável, de forma que eles tinham um contato né... sim... mais amigável... de amigos.

E: Nessas brincadeiras, era possível perceber se já havia – por parte das crianças – uma compreensão sobre a sua sexualidade?

N.S: Sobre essas brincadeira, tipo futebol, pipa é...a gente sempre percebeu que é brincadeira de menino... sempre passamos pra ele que era uma



[ARTIGO]

brincadeira de menino i...sem... sobre sexualidade, né... por parte dessas brincadeiras... a gente sempre conversou com ele né... conversamo desde pequeno...o que é de menino é de menino... o que é de menina é de menina...então a gente nunca viu uma anormalidade sobre essas brincadeira.

E: Que tipo de educação sexual você proporciona aos (às) seus (suas) filhos/as?

N.S: Sempre conversamo cum nossos filho, né...com o Tiago mais...sobri sexualidade né...? Idade... é:: ...reliogi...na parte da religião, né... o momento certo... então a educação que a gente dá é sempre o diálogo, né...? A gente sempre conversa cum ele... mostra exemplo na TV, né ...? Em vídeos... sempre tá conversando com eles.

E: Conte-nos como é o relacionamento entre meninas e meninos na sua família, na escola e no contexto social em que vivem.

N.S: Um relacionamento respeitoso... na... família... social... igreja... iscola... onde é que a gente vai eles têm um relacionamento normal.

E: Você procura dialogar com seus filhos adolescentes orientando-os sobre o namoro e a preparação para um futuro casamento? Em caso positivo, como é feita essa orientação?

N.S: Orientamos e conversamos... dialogamos sempre sobre isso, é...que ele tem que primeiro estudar...primeiro ele tem que ter algo na vida... depois namorar... se apaixonar de verdade, ter respeito, né? Sempre... sempre conversamos com eles i... ele tem uma ideia madura que ele pensa em namorar com uma certa idade...mas primeiro vêm os estudos... depois ele pensa em casar... mas é tudo...a gente conversa... dá uma orientação, mais



[ARTIGO]

daí vem dele, né? A orientação e o diálogo a gente tem com ele... mais aí vai partir dele... o momento certo dele.

E: Quais valores você procura mostrar aos (às) seus (suas) filhos/as para a construção futura de um relacionamento saudável?

N.S: Os valores são respeito... caráter, né... pra um relacionamento saudável, né...

E: Em que momento da vida de seus (suas) filhos/as você viu a necessidade de dialogar sobre as relações de amizade e de namoro?

N.S: Conformi a gente foi vendo, né ... a... é... as amizade dele... ele crescendo... eli se envolver, né... com amizades virtuais...cum... é ... aí a gente começou né... a perceber a necessidade entrando ali... que tipo de amizade que ele tava tendo...é, com quem é...sobre o que conversavam... Então a gente começou a pegar mais... conversar mais cum ele sobre, aí...será que é uma boa amizade? Será que é uma amizade saudável, né? Fomos mostrando pra ele o que que essa amizade tava trazendo pra ele... l... também sobre o namoro... ele ainda num...num começou a namorá... mas já começou a gostar de alguma... de uma... menina...então a gente conversou cum ele... você percebeu quem é ela? A família dela? Então a gente começou a instruí ele conforme ele foi mostrando pra gente quem era os amigos dele... com quem ele tava se relacionamen...se relacionando...aí a gente foi vendo a necessidade de conversá cum ele e mostrá pra ele.

E: Quais fatores contribuíram para que você optasse por discutir a sexualidade com seus (suas) filhos/as?

N.S: O que mais contribuiu foi a mídia... a televisão, que passam as coisas a qualquer hora né ... qualquer programação hoje em dia falam sobre sexo...



[ARTIGO]

então a gente foi vendo a necessidade de chegar e conversá com ele... ou ele chegava da escola e perguntava e falava... o professor falou isso... então as coisas tão muito... imaturas eu vô falar...tá muito cedo pra tá acontecendo...então como eles vieram chegando e falando e perguntando... a gente chegou na conclusão que já tava na hora de conversar com eles, né? Cum ele mesmo... que é um adolescente de quinze anos...o que é certo o que é errado... o que tem que fazer, como se proteger... então a gente viu que já tava na hora de conversar... é um fator, né?

Comprendemos essa reflexão a partir da contribuição de Louro (2000, p.18), para quem:

A evidência da sexualidade na mídia, nas roupas, nos shopping-centers, nas músicas, nos programas de TV e em outras múltiplas situações experimentadas pelas crianças e adolescentes vem alimentando o que alguns chamam de 'pânico moral'. No centro das preocupações estão os pequenos. Paradoxalmente, as crianças são ameaçadas por tudo isso e, ao mesmo tempo, consideradas muito 'sabidas'e, então, 'perigosas', pois passam a conhecer e a fazer, muito cedo, coisas demais.

E: Você recebeu, em algum momento de sua vida, orientação sobre educação sexual e sobre as relações de gênero?

N.S: Eu num tive... meus pais eram muito fechados... i... é... tiveram poucos estudo... então pra eles só existia homi i mulher ... i... casou...namorou, casou i teve filhos i só isso...dos meus pais eu nunca tive uma orientação...tive orientação depois, né... cum cursos... palestras eu tive...e sobre negócio de gêneros também... meu pai...eles num falavam sobre sexualismo, é... que existia homissexual... então pra eles era assim...era homem... mulher... casamento... essas coisas.



[ARTIGO]

No século XX, “[...] a repressão era forte e a ênfase no pudor, uma obsessão” (DEL PRIORI, 2011, p.). Certamente por esse motivo, os pais de N.S. nunca a orientaram em relação a temas ligados à sexualidade, assim como; esses mesmos pais nunca ouviram falar nada a respeito.

E: Para finalizar, deseja relatar-nos algum acontecimento marcante vivido pelos/as seus/suas filhos/as em relação às descobertas da sexualidade?

N.S: Experiência ainda não aconteceu nada, né... mas só as pergunta que eles falam... que eles... que ele pergunta né... que ele perguntava: mãe... pra que que serve uma camisinha? Mãe, o que que é ejaculação? É... perguntava essas coisas...mãe, como que a mulher fica grávida? Essas coisas eles perguntavam... mas ainda ele não vivenciou nenhuma experiência sexual.

L.T.

Nossa segunda entrevistada, L.T., é casada, mãe de dois meninos e professora de Educação Física. Segue a doutrina espírita. A entrevista foi concedida em seu local de trabalho, uma escola em que atua como professora de Educação Física readaptada à sala de tecnologia.

E: Como eram vivenciadas as brincadeiras pelas crianças na idade de quatro a 17 anos?

L.T: As crianças brincavam bastante nessa idade entre quatro e sete anos...eles têm uma diferença de cinco anos entre eles... e... eles têm primos na mesma idade... é uma escadinha... são...eram apenas quatro primos naquela época...uma diferença de um ano exatamente cada um... então eles brincavam bastante... os primos moravam numa chácara... então eles subiam em árvores... brincavam de tudo mesmo...

[ARTIGO]

E: Nessa idade, que tipo de brincadeiras, entre os(as) meninos(as), os (as) seus (suas) filhos(as) mais gostavam de brincar?

L.T: I... mas principalmente... eles gostavam já de videogame, né?

E: Na sua opinião, o que essas brincadeiras representavam para eles/as?

L.T: Os meus meninos nunca foram de brincar de bola, por exemplo... até hoje eles... eles não jogam muito bem bola ((risos)) não são bom de futebol... eles gostavam de outras coisas... é... eles gostavam de bicicleta, gostavam de brincar de skate... numa época, roller, eles ganharam roller do tio deles, aí eles gostavam muito de brincar com aquele roller, mas... eles passavam bastante tempo na televisão i... já depois, assim, na adolescência mesmo, era mais videogame, televisão, computador... basicamente eles pararam de brincar de outras coisas.

E: Como essas brincadeiras possibilitavam a convivência entre os(as) meninos (as)?

L.T: Os primos, na verdade, eram os amigos deles... porque... eu, eu trabalhava bastante... não tinham crianças vizinhas... nessa idade deles a gente num tinha, num morava perto de outras crianças... então os primos eram os amigos, eles eram bem grudados.

E: Nessas brincadeiras, era possível perceber se já havia – por parte das crianças – uma compreensão sobre sua sexualidade?

L.T: É... já dava pra perceber que eles gostavam de meninas, mas nessa fase... até os... até os dez... onze anos... não... a gente percebia muito pouco né... depois a gente já percebia que eles gostavam das meninas, falavam das meninas, né?

E: Que tipo de educação sexual você proporciona aos/às seus/suas filhos/as?



[ARTIGO]

L.T: Olha, eu sempre fui assim... até meio neurótica com essa questão da sexualidade no sentido de que a gente, sabe... eu era mãe de meninos i o pai sempre viajante, intão a gente tinha muito medo di... di abuso, desse tipo de coisa. Então a gente sempre conversou aqui em casa, a gente sempre conversou abertamente sobre tudo e eu sempre acabava meio que jogando a responsabilidade em cima do maior, que ele tinha que cuidar do menor na escola é...entre as brincadeiras de que ele era responsável em cuidar do Bruno, né...

E: Conte-nos como é o relacionamento entre meninas e meninos na sua família, na escola e no contexto social em que vivem.

L.T: Uma coisa diferente neles... o meu filho mais novo... ele sempre gostou muito di brincar sozinho... ele gostava muito di brincá cum hominhos miniaturas, ele tem... ele tem uns barcos que eli... é cheio de pecinhas em geral, todos eles gostavam de brincar de hominhos, como eles diziam, mas o Bruno principalmente brincava muito bem sozinho... ele montava tudo aquilo numa mesa, ele passava horas ali brincando sozinho, sabe? Ele gostava mesmo... ele tem até hoje esses brinquedos... i os meus filhos não eram assim de estragar os brinquedos... eu... o Bruno tem muitos brinquedos intactos até hoje, que ele fala que vai ficar pros filhos dele o Kevin não era muito cuidadoso, não... não tem quase nada guardado dele... eles são bem diferentes nesse sentido.

E: Você procura dialogar com seus filhos adolescentes orientando-os sobre o namoro e a preparação para um futuro casamento? Em caso positivo, como é feita essa orientação?

L.T: Eu sempre eduquei os meus filhos dizendo que as meninas eram mais sensíveis... i que eles tinham que ter... cuidado com elas... carinho... sempre



[ARTIGO]

disse pra eles olhá nas brincadeiras, meninas são mais sensíveis... elas são mais frágeis... eu sempre eduquei os meus filhos nesse sentido... de que as meninas não eram iguais...que elas eram mais frágeis, que eles, e que eles tinham que ter cuidado zelo... tanto que até hoje é assim em relação às priminhas que vieram nas brincadeiras e tudo mais.

E: Quais valores você procura mostrar aos (às) seus (suas) filhos/as para a construção futura de um relacionamento saudável?

L.T: Eu sempre achei que eu ia sê aquela mãe que num ia aceitá nenhum tipo di ((risos)) di comportamento sexual em casa... essas coisas, mas na verdade as coisas vão acontecendo naturalmente, né...u, u meu filho mais velho...demorou mais pra ele... arrumá uma namorada, eu sempre dizia pra elis que sexo era uma coisa... que tinha uma troca, num era só... aproveitar-se do outro, né... qui elis... tem que existir algo mais pra ter... esse tipo de intimidade... então ele já tinha praticamente 18 anos quando ele... teve sua primeira relação... foi com uma namorada... o mais novo começou mais jovem... mais eu acredito também que o mais velho acabou abrindo as... as portera, né... então assim... eles têm as namoradas, mas é ... é a gente até permite que eles estejam em casa com as namoradas mais: ... tudo com muita sutileza, com muito respeito i... num é sempre:... tem... i tem que sê uma namorada, num pode ser qualquer uma. Eu nunca permiti, entendeu? I eu sempre disse pra eles num sentido assim...que pra tê esse tipo de envolvimento tem que tê algo mais porque existe uma troca... em todos os sentidos né... que num pode ser de qualquer jeito... a gente sempre conversou abertamente sobre tudo.

E: Em que momento da vida de seus/suas filhos/as você viu a necessidade de dialogar sobre as relações de amizade e de namoro?



[ARTIGO]

L.T: É... o Kevin... o mais velho... eu senti nece... mais necessidade de conversá com ele sobre o assunto... quando:: ... ele teve a primeira namorada... qui... qui aí queria quarto separado do irmão... então a gente teve a nossa primeira conversa, foi mais difícil pra ele, eu estava mais relutante... pro mais novo foi mais fácil porque eu já tava mais amaciada, né? ((risos)).

E: Quais fatores contribuíram para que você optasse por discutir sobre a sexualidade com seus/suas filhos/as?

L.T: Nós sempre optamos por conversar com eles sobre tudo... pelo sentido de que ... se eles vão... a ... eles têm que ... ter em nós pais, amigos, e tem que ter confiança... intão a gente sempre conversou abertamente com eles pra que eles tivessem liberdade... di tirar qualquer dúvida e conversar com a gente... porque eu... eu acredito ... que lá fora o mundo ensina muitas vezes da maneira que não é correta, né?

E: Você recebeu, em algum momento de sua vida, orientação sobre educação sexual e as relações de gênero?

L.T: Com relação a gênero... na nossa família... isso é muito...muito natural, por exemplo::... é... eu sempre ensinei passei pros meus filhos... qui... somos todos seres humanos... i qui precisamos ter respeito i... carinho... uns pelos outros, independente de gênero... até porque nós temos na nossa família...é...opções di...sexuais diferentes...isso não influencia e nunca influenciou em nada o carinho e o respeito que eles têm pelos tios...i... acredito que até entre eles como amigos... nunca houve esse tipo di... coisa não... eles até brincam, né... tiram sarrinho um do outro... e tal...mas em geral meus filhos respeitam e até convivem muito bem com as diferenças de gênero .



[ARTIGO]

Segundo Louro (2000, p.19), em “O corpo educado”, “[...] meninos e meninas aprendem, também desde muito cedo, piadas e gozações, apelidos e gestos para dirigirem àqueles e àquelas que não se ajustam aos padrões de gênero e de sexualidade admitidos na cultura em que vivem”. Por mais que os diferentes pensamentos a respeito de gênero e sexualidade sejam respeitados no seio familiar, sempre há uma brincadeira em torno dessas escolhas, e isso; é fato comprovado dentro dessa família.

E: Para finalizar, deseja relatar-nos algum acontecimento marcante vivido pelos/pelas seus/suas filhos/as em relação às descobertas da sexualidade?

L.T: Eu... eu achei muito interessante a maturidade... eu acho que deu certo... a estratégia que nós... escolhemos de conversar sempre... deu muito certo...quando eles foram... as namoradas decidiram... perder a virgindade com eles... foi conversado...foi... foi conversado... inclusive assim, com os pais dela... elas optaram por isso... foi feito uma escolha... i... tudo muito consciente... com as... providências dos contraceptivos... e até mesmo preservativo, né? A gente sempre conversou sobre isso... i... como eu sou

formada na área da saúde... sou formada em Educação Física... é... eu num sou leiga pra... pra...pra...pra esses assuntos... não poderia ser diferente, então... eu sempre ensinei pra eles qui... a...a camisinha, ela é importante não só como método contraceptivo, mas... pra... pra preservá... di:... transmissão de doenças i outras coisas, né...? Intão eles têm essa consciência... elis sempre tiveram toda informação que eles sempre precisaram, né... intão... i... a...a... a...eu num tive muita...a... a... isso não aconteceu comigo... por exemplo... naquela época os pais não conversavam sobre esses assuntos né... apesar de que eu... eu sempre tive uma relação mais aberta com meu pai porque minha morreu eu tinha cinco anos... intão:... eu tive que ter essa ... esse... essas



[ARTIGO]

conversas mais com ele do que... com qualquer pessoa... eu sempre tive no meu pai um amigo também, então eu acho que isso eu consegui passar pros meus filhos... é isso.

S.A.G.

S.A.G. é mãe de duas filhas, professora e de religião cristã. Disponibilizamos as perguntas e o termo de consentimento para a entrevistada dias antes de realizarmos a entrevista, tendo ela se prontificado imediatamente em responder nossas perguntas. No dia da entrevista, chegamos em sua casa e nos sentamos na sala como em uma conversa informal. A entrevista durou 13 minutos e 02 segundos, mas ficamos por 1 hora em sua residência.

E: Como eram vivenciadas as brincadeiras pelas crianças na idade de quatro a 17 anos?

S: De quatro a dezessete anos, além dos brinquedos normal e boneca, essas coisas, elas sempre brincaram muito...éh, em família...éh... banho de piscina em casa...éh, jogávamos queimada, betes, éh... baralho, sempre assim, brincamos juntas dentro de casa. Fazíamos...éh, guerrinha de travesseiro e outras mais.

E: Nessa idade, que tipo de brincadeiras entre os (as) meninos(as), os (as) seus (suas) filhos(as) mais gostavam de brincar?

S: Só tenho duas filhas, então sempre os primos vinham para brincar em casa. Era na rua mesmo, jogando bola, jogando betes, queimada, vôlei...éh... entre outras brincadeiras, as que elas mais gostavam era de betes... roubar bandeirinha... queimada... esses tipos de brincadeira, assim.

E: Na sua opinião, o que essas brincadeiras representavam para eles/as?



[ARTIGO]

S: Eu acredito que era muito importante porque sempre convivemos em família e as brincadeiras em família é muito legal porque aproxima muito, não só a gente, mãe e filha... mas também a família inteira é muito unida através de muitas coisas que nós fazíamos juntos, assim, não só brincadeiras, mas todos os eventos, finais de semana, sempre a gente passava junto.

E: Como essas brincadeiras possibilitavam a convivência entre os(as) meninos(as)?

S: Normal, nunca teve muito esse negócio assim de a brincadeira de menino... vou jogar futebol e as meninas não podem ou vai fazer outro tipo de brincadeira e os meninos não podem. Sempre foram brincadeiras que eles puderam fa... éh, fazer juntos, éh, sempre o que eles faziam era sempre... éh coletivamente, assim meninos... meninas... sem ficar muito éh definindo assim: ah, não, esse é só pra homem, só pra menina e pronto e acabou.

E: Nessas brincadeiras, era possível perceber se já havia – por parte das crianças – uma compreensão sobre a sexualidade?

S: ((tossiu)) Na verdade...éh, elas sempre já tiveram muitas curiosidades, algumas coisas assim, sobre sexualidade..., mas na brincadeira não. Nunca foi assim estipulado ou determinado ou excluído pela sua sexualidade, sempre fomos muito abertos em diálogo. Acho que o que faz diferença na, na maturidade da criança ou na compreensão é a forma com que os pais se abrem e conversam com eles, e nós sempre tivemos um diálogo muito aberto.

E: Que tipo de educação sexual você proporciona aos/às seus/suas filhos/as?

S: Sempre que chegaram em casa com algum tipo de pergunta sempre foi sentido... conversado e explicado. Primeiro porque eu sou professora, então, assim... sempre tive um diálogo aberto sem tentar esconder nada..., mas



[ARTIGO]

também sem dar muita ênfase àquele assunto só pra... é encerrar o assunto e não ficar com mais curiosidade. Não mentindo... não enganando..., mas sendo assim... sucinta nas informações também.

E: Conte-nos como é o relacionamento entre meninas e meninos na sua família, na escola e no contexto social em que vivem?

S: Normal. Nós sempre tivemos um convívio muito normal no meio da nossa família. Na escola também. Éh... já existiam, éh, crianças com outros tipos de afinidades ou alguma demonstração de afinidades diferente... éh, comportamento diferente também, mas nós nunca levamos isso assim pro lado da ignorância ou da exclusão. Sempre tivemos a consciência de que toda pessoa...éh... merece respeito, principalmente se ela for criança. Na nossa família também é assim, éh... não tem ninguém que fica debochando, ou tirando sarro, ou falando por causa de cor de pele por: por nada, sempre nós tivemos o, o respeito de, de amar as pessoas que estão perto de nós, principalmente se for nossa família, respeitando ele pelo que ele é, como ele é, da forma como ele é.

E: Você procura dialogar com seus/suas filhos/as adolescentes orientando-os sobre o namoro e a preparação para um futuro casamento? Em caso positivo, como é feita essa orientação?

S: Nunca escondemos nada... éh, nunca houve assim, nada escondido entre nós. Sempre conversamos sobre tudo sobre...éh, namoro. Sobre a, o que o namoro pode acarretar. Os desejos sexuais, o sexo antes do casamento... a gravidez...éh, antes do casamento... que há pre, que não é só a gravidez... que existem as doenças... que tudo muda na vida de um... um adolescente, que quando tem um filho a, a oportunidade que ele perde de estudar... a oportunidade que ele perde de fazer coisas normais que uma criança poderia

[ARTIGO]

atrapalhar... sempre teve um diálogo muito aberto e num, num existe nada assim que a gente não possa conversar ou que a gente não possa se entender.

E: Quais valores você procura mostrar aos/às seus/suas filhos/as para a construção futura de um relacionamento “saudável”?

S: Creio que tudo em primeiro lugar é Deus. A gente tem que ter fé em Deus... tem que determinar nosso caminho primeiramente com Deus. Buscar...éh, na fé... na oração a esperança, éh, a sabedoria, a tranquilidade pra poder lidar com os conflitos do dia a dia. Uma pessoa que ela não tem uma maturidade...éh, uma maturidade pessoal... uma maturidade espiritual... ela acaba trazendo muitos problemas pra própria vida... mas uma pessoa que ela já é mais centrada... que ela tem...éh, um ponto de vista já determinado... é difícil as pessoas que conseguem afetá-la assim de uma forma pra:: pra faze sofrer... entendeu?

E: Em que momento da vida de seus filhos/as você viu a necessidade de dialogar com eles sobre as relações de amizade e de namoro?

S: Em algumas... em algumas situações... como por exemplo uma vez que a minha filha mais velha queria ir em uma festa e ela nunca tinha ido, até porque nós somos evangélicas e aí eu deixei... foi a primeira vez... ela tinha quatorze anos. Chegando lá ela viu as amigas bebendo...éh, passando mal por causa da bebida e aí quando ela chegou em casa ela falou assim: mãe, nunca mais eu quero ir num lugar desse, que ela... ela se sentiu muito triste de ver as pessoas que ela gostava numa situação daquela... não somente os adolescentes... mas também os pais estavam embriagados. Então... assim... existem coisas que a gente vai falando... falando, mas tem coisas que a gente tem que deixar a pessoa ter uma experiência pra que ela vê também que a gente não fala só por mal. Então assim... em casa sempre foi assim... sempre

[ARTIGO]

tivemos a liberdade de conversar do que é... do que faz com que as pessoas se desestrutem... um lar se desestruture por causa das drogas... por causa da bebida... por causa da prostituição, e sempre nós tivemos muito diálogo sobre isso... então, assim... nunca sofremos com nenhuma dessas consequências... graças a Deus.

E: Quais fatores contribuíram para que você optasse por discutir sobre a sexualidade com seus/suas filhos/as?

S: Éh... como eu já disse... por eu ser professora, sempre falamos sobre a sexualidade de uma forma assim um pouco mais aprofundada desde que elas eram muito pequenas. A respeito da sexualidade...éh, não é necessário chegar, e sentar, e conversar assim... porque todas as dúvidas que vinham no decorrer dos anos ou do dia a dia já conversávamos e já íamos esclarecendo. Nunca houve assim... ah, não, esse assunto a gente não pode falar... esse assunto é proibido aqui em casa... nunca foi assim... então, assim, eu nunca tive assim um momento de chegar e falar: hoje a gente precisa sentar porque... éh... é necessário porque não tá fazendo as coisas assim do jeito que deveria ser. Não. Todos os problemas já foram sendo sanados de acordo como elas foram crescendo e as curiosidades aparecendo, até mesmo as necessidades de diálogo.

E: Você recebeu, em algum momento da sua vida, orientação sobre educação sexual e as relações de gênero?

S: Não. Me lembro que fui criada com a minha avó... porque minha mãe havia falecido e quando eu fiquei moça, já com os meus quinze anos que eu entrei, que eu menstruei pela primeira vez, eu nunca tinha ouvido falar sobre menstruação porque minha vó não conversava comigo. Quem conversou e explicou depois que eu menstruei foi uma professora minha de Educação

[ARTIGO]

Física, que eu perguntei pra ela. Então assim... até por essa necessidade que eu passei de falta de, de diálogo, de falta de atenção de: de uma instrução na verdade foi com que eu criei minhas filhas assim... conversando sobre tudo... sendo, procurando ser mais amiga do que mãe até... porque eu creio que quando a gente...éh, se abre para os filhos eles também se abrem mais pra nós. Assim que eu acredito e assim que eu criei minhas filhas.

Podemos relacionar essa fala sobre a não instrução por parte da sua avó à afirmação da historiadora Del Priore (2011, p.125), no livro “Sexualidade e erotismo na história do Brasil”:

“[...] até então, sexo era segredo. A sexualidade individual era vivida em silêncio e culpa”. Não era assunto tratado com naturalidade, discutido e ensinado. Cada um vivia seu momento as escondidas, como se fosse algo impuro, impróprio.

E: Para finalizar, deseja relatar-nos algum acontecimento marcante vivido pelos/pelas seus/suas filhos/as em relação às descobertas da sexualidade?

S: Éh... talvez um episódio que...éh, eu não esperava... que nenhum de nós esperávamos quando minha filha mais nova éh, éh soube que estava grávida e nos deu a notícia. Pra nós, assim, foi um choque, não, não somente por causa da gravidez... mas por causa da... uma vida assim que ela já estava pra ir pra faculdade e teve que dar uma parada... uma desacelerada na vida dela por causa do... desse bebê que é o meu neto. Só que a respeito da, da maturidade... do carinho... de como ela cuida... ela tem me surpreendido muito como mãe, éh... há coisas na vida da gente que vêm para nos fazer crescer juntos... pra fazer a gente amadurecer. Como mãe, eu admiro ela e como avó, eu admiro... sou apaixonada pelo meu neto... então, assim, éh... a nossa alegria hoje é essa criança que está no nosso meio... então assim... existem surpresas que acontecem só que quando a gente se ama e a gente

[ARTIGO]

tem uma base a gente consegue se apoiar... se amar e viver todas essas experiências... momentos bons... difíceis e ruins juntos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Perante esses relatos apresentados por meio das entrevistas transcritas, concluímos que as relações de gênero e sexualidade são abordadas de maneira diferentes: há diferenciação de conduta até mesmo pelo modo de como cada pai ou mãe foi instruído(a) em seu processo de formação, de como são constituídas essas famílias e suas crenças religiosas e morais.

Podemos salientar que, na geração anterior à dos pais, não era comum um diálogo aberto em relação aos temas aqui tratados, “[...] sexualidade era um assunto privado, alguma coisa da qual deveria falar apenas com alguém muito íntimo e preferencialmente, de forma reservada” (LOURO, 2000). Contudo, esse tipo de intimidade, dependendo da criação familiar, não era encontrado nem com os próprios pais. As mães tinham vergonha, pudor de ensinarem suas filhas em como essas meninas atingiam a fase adulta, o uso do absorvente; quem dirá conversar sobre sexualidade com suas preciosas meninas, dizer que seus corpos imaculados seriam tocados. Em muitas famílias, mesmo na atualidade, ainda pode ser motivo de desconforto esse tipo de conversa, dependendo de sua faixa etária, nacionalidade, religião, classe ou nível de instrução.

Entretanto, é claro que atualmente as abordagens estão completamente diferentes e é comum ouvir, em rodas de conversas, esses assuntos sendo tratados com mais naturalidade. Nesse cenário, a mídia colabora para que crianças e adolescentes tenham acesso à informação cada vez mais cedo.

Ademais, um assunto que ainda pode causar muito desconforto e é muito criticado por famílias contrárias à abordagem do tema nas escolas é a homossexualidade.



[ARTIGO]

As coisas se complicam ainda mais para aqueles e aquelas que se percebem com interesses ou desejos distintos da norma heterossexual. A esses restam poucas alternativas: o silêncio, a dissimulação ou a segregação. A produção da heterossexualidade é acompanhada pela rejeição da homossexualidade. Uma rejeição que se expressa, muitas vezes, por declarada homofobia (LOURO, 2000, p.18).

A escola, por sua vez, assim como a igreja e as famílias, ratifica a formação do caráter por meio das noções de certo e errado. Assim, conforme vão surgindo as “necessidades” de diálogo é que as famílias vão aconselhando e definindo o que é apropriado ou não. Podemos observar essa estratégia nas três entrevistas concedidas, o que ainda pode ser analisado a partir das considerações de Louro (2000, p. 21):

As memórias e as práticas atuais podem contar da produção dos corpos e da construção de uma linguagem da sexualidade; elas nos apontam as estratégias e as táticas hoje institucionalizadas das identidades sexuais e de gênero. Na escola, pela afirmação ou pelo silenciamento, nos espaços reconhecidos e públicos ou nos cantos privados, é exercida uma pedagogia da sexualidade, legitimando determinadas identidades e práticas sexuais, reprimindo e marginalizando outras. Muitas outras instâncias sociais, como a mídia, a igreja, a justiça etc. também praticam tal pedagogia, seja coincidindo na legitimação e degeneração de sujeitos, seja produzindo discursos distantes e contraditórios.

Além disso, observamos a diferenciação entre os gêneros relatados em duas entrevistas e concluímos que a mulher é discriminada como sexo frágil, bem como as orientações e recomendações são diferentes, dependendo do sexo. Essa mesma diferenciação pode ser analisada de acordo com o contexto histórico descrito em relatos de Corrigan, retomados por Louro, que afirmam que a escola pratica a “pedagogia da sexualidade”:

Corrigan (1991, p.200) destaca sua entrada numa grande escola particular inglesa. [...] Conforme ele conta, a “produção do menino” era um projeto amplo, integral, que se desdobrava em inúmeras situações e que tinha como alvo uma determinada forma de masculinidade. Era uma masculinidade dura, forjada no esporte, na competição e numa violência consentida (LOURO, 2000, p.10).

Já em relação à mulher, “[...] numa escola pública brasileira predominantemente feminina, os métodos foram outros, os resultados pretendidos eram diversos. Ali nos ensinavam a sermos dóceis, discretas, gentis, a obedecer, a pedir licença, a pedir desculpas” (LOURO, 2000, p.11). Finalizando nossas discussões, destacamos que uma das palavras mais utilizadas nos relatos analisados foi respeito. Trata-se de um valor social fundamental e que pode, e deve ser, considerado ponto de partida para as relações sociais.

REFERÊNCIAS

DEL PRIORE, M. **Histórias e conversas de mulher**. São Paulo: Editora Planeta, 2013.

DEL PRIORE, M. **Sexualidade e erotismo na história do Brasil**. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2011.

LOURO, Guacira Lopes (Org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

N.S. Registro de memórias sobre as vivências da sexualidade e relações de gênero. Set. 2017 UEMS. Campo Grande, MS. Entrevista concedida a SOUZA, H.L.G.; SENA, L.G.Q.; NETTO, L.C.E.G.

L.T. Registro de memórias sobre as vivências da sexualidade e relações de gênero. Set. 2017 UEMS. Campo Grande, MS. Entrevista concedida a SOUZA, H.L.G.; SENA, L.G.Q.; NETTO, L.C.E.G.

S.A.G. Registro de memórias sobre as vivências da sexualidade e relações de gênero. Set. 2017 UEMS. Campo Grande, MS. Entrevista concedida a SOUZA, H.L.G.; SENA, L.G.Q.; NETTO, L.C.E.G.